

A respeito de um “esquadrinhamento” do compreender

Regarding a “scrutiny” of understanding

LEANDRO ASSIS SANTOS*

Resumo: Esse artigo tem por objetivo esclarecer alguns contornos de um conceito-experiência central à filosofia de Martin Heidegger, a saber, a noção de *tonalidade afetiva* (em alemão, *Stimmung*). Esta visa remeter o ser-aí (*Dasein*) ao espaço aberto que se efetiva como o lugar de realização de sua própria existência. A *tonalidade afetiva* dimensiona a inserção do ser-aí ao mundo, marcando decisivamente sua relação com as coisas que se apresentam no seio do aberto, bem como suas relações com os outros, delimitando o terreno da convivência.

Palavras-chave: Ser. Tonalidade Afetiva. Disposição. Fundamental. Heidegger.

Abstract: This article aims to clarify some aspects of a central concept-experience in Martin Heidegger’s philosophy, namely, the notion of affective tonality (in German, *Stimmung*). It intends to refer *Dasein* (being-there) to the open space that is realized as the place of fulfillment of its own existence. Affective tonality dimensions the insertion of *Dasein* into the world, decisively marking its relationship with the things that appear within the open, as well as its relationships with others, delimiting the terrain of coexistence.

Keywords: Being. Affective Tonality. Disposition. Fundamental. Heidegger.

Quem quiser compreender um texto realiza sempre um projetar.
Hans-Georg Gadamer

¹ Esse artigo é oriundo de parte das pesquisas realizadas no âmbito do pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), sob supervisão do Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel.

* Leandro Assis Santos é Doutor em Filosofia e professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ). E-mail: leandroas30@hotmail.com

Introdução

O artigo que segue procura jogar luz sobre a problemática da *tonalidade afetiva* (*Stimmung*) no pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976). Seguiremos algumas linhas de força oferecidas pelo pensador a fim de reposicionar o lugar que a noção aqui em jogo ocupa no interior da dinâmica de acontecimento da existência humana. Na presente ocasião, cabe interpretar o papel terminante que a experiência em questão possui dentro das diretrizes da analítica existencial, a qual se intenta aqui reconstruir em algumas de suas articulações decisivas.

Entende-se por analítica existencial a releitura feita por Heidegger acerca da existência humana apreendida a partir da ótica de uma ontologia fundamental, que se afasta das interpretações regionais, isto é, debitárias ou derivadas de uma apreensão metafísica e compreensiva de um existente sempre já dado em seu ser. Refere-se, por conseguinte, a um exame das possibilidades e modos de ser específicos de um ente que está em um mundo ao qual desenrola experiências e desdobra seu próprio possível. Nessa ótica, a analítica fundamental busca tecer um esquadrinhamento de determinações que se evidenciam como compreensivamente *minhas*, em que ressoam a dimensão expressa de um ter de ser ininterrupto, claudicante e frágil, porém, sempre inseparável e intransferível do existente, embora suas formas de se empenhar no mundo sejam necessariamente afetivas. A respeito de um esquadrinhamento das afecções, visto a partir da ocular da analítica existencial, não é outra coisa que uma insistência naquilo que nos afina e harmoniza ao horizonte estável e simultaneamente instável de nossa *compreensão* do mundo.

Stimmung é um fenômeno que ganha todo o seu colorido na dinâmica que perfaz o existir humano², “espaço fático”³ no qual se depreende seus variados

² Não cabe a essa pesquisa analisar a existência a partir de quaisquer balizadores psíquicos ou antropológicos, até porque não se percebem nesses horizontes quaisquer elementos que possam conferir à questão uma perspectiva de originariedade, tão presente naquilo que circunscreve às *tonalidades afetivas*.

³ É importante acenar que o termo *espaço*, no âmbito dessa inquirição, não encontra nenhum eco no sentido de plano físico mensurável e/ou quantificável. *Espaço* será a dimensão edificada a partir dos desdobramentos do ser como instâncias derivadas das afinações provenientes das *tonalidades afetivas*. Logo, produz lugares – como que ambientes – nos quais acontecem modulações que se deixam guiar por acenos discretos do mundo em seus recortes e fragmentos. Espaço, portanto, diz palco de atuação, de ser o que se é. Por sua vez, o conceito de *Fakticität* traduz a particularidade da existência, nunca se confundindo com experiências de outro ser-aí, pois sua função elementar é lançar esse ente, em sua singularidade, nas dimensões desveladas para suas ações. Nunca pode ser transferida ou assumida por outro, haja vista que ela se caracteriza

acenos. Um desses “lugares” acena à irrupção das possibilidades de realização (do ser) do homem em suas *práxis* cotidianas. Não há outra forma de imersão no espaço fático senão tendo já sido *tomado*, *perpassado* ou *afinado* pelas ressonâncias por elas inauguradas – o que, de imediato, conecta a *tonalidade afetiva* à compreensão (*Verständnis*). Sabe-se que Heidegger faz essa conexão diretamente não com a compreensão, mas com a disposição (*Befindlichkeit*), no interior do quinto capítulo da primeira parte de *Ser e Tempo*. O objetivo aqui expresso é, entretanto, visualizar com mais precisão a relação igualmente íntima com a compreensão, ainda que isso não seja expresso pelo autor. As *tonalidades afetivas* conferem um *tom* e instauram um *clima* determinante a toda e qualquer ação; são, deste modo, responsáveis pela afinação do ser do homem, isto é, o *Dasein*⁴, de maneira a deslocar a *compreensão*, esteio à composição própria da *abertura* (*Erschlossenheit*), para um plano subsequente de possível empenho nas relações que se desvelam.

Diferente do que possa parecer aos mais desavisados, “tom” e “clima”, neste caso, não caracterizam algo que acidentalmente estaria associado às nossas ações. Por mais que ambos possam se alterar, é invariável que toda ação só pode acontecer já determinada por um “tom” e um “clima”, sejam eles

como a articulação temporal da imediatidade do existir. A facticidade aponta para a transcendência do mundo, entendendo que transcendência não possui qualquer indicativo para fenômenos suprassensíveis ou inteligíveis, bem como esferas distintas de um plano imanente. Transcendência, nesse contexto, é o fenômeno que traduz o ultrapassamento dos entes, marcando o acesso aos sentidos que o ser desvela de maneira que o mundo se lhe ofereça como campo relacional no qual possa vigorar, aparecendo como base para a existência fática do ser-ai. Só há transcendência para o ente que se resguarda em formas determinadas de afinação para o interior daquilo que se manifesta, descobrindo sentidos no que é revelado. Este só se mostra ao ser-ai afinado ou sintonizado a ele. A transcendência se conecta ao próprio fenômeno da compreensão e revela a dimensão mais decisiva da diferença entre o ser propriamente dito e o ente, que não se confunde com este último. A expressão *espaço fático*, consequentemente, refere-se a uma modalidade determinada que espacializa e clarifica o lugar próprio de atuação da existência: o *si mesmo*.

⁴ Escreve Heidegger nos *Seminários de Zollikon*, já no primeiro seminário, que data de 8 de setembro de 1959: “Todas as representações encapsuladas objetivantes de uma psique, um sujeito, uma pessoa, um eu, uma consciência, usadas até hoje na psicologia e na psicopatologia devem desaparecer na visão daseinanalítica em favor de uma compreensão completamente diferente. A constituição fundamental do existir humano a ser considerada daqui em diante se chamará *Da-sein* ou *ser-no-mundo*. Entretanto, o *Da* deste *Da-sein* não significa, como acontece comumente, um lugar no espaço próximo do observador. O que o existir enquanto *Da-sein* significa é um manter aberto de um âmbito de poder-apreender das significações daquilo que aparece e que se lhe fala a partir de sua clareira. O *Da-sein* humano como âmbito de poder-apreender nunca é um objeto simplesmente presente. Ao contrário, ele não é de forma alguma e, em nenhuma circunstância, algo passível de objetivação” (Heidegger, 2009, p. 33).

quais forem. Por isso, o deslocamento que ambos empreendem na compreensão não significa algo fortuito ou qualquer dado menor quanto ao exame das possibilidades de realização da abertura como espaço que forja e efetiva o existir.

A absorção à mencionada atmosfera só ocorre quando se compreende não teoricamente o mesmo, o que faz da *tonalidade afetiva* um fenômeno ou *afeto de situação*, isto é, uma possibilidade de instauração de nexos que mostra ao ser-aí (*Dasein*), apreendido a partir de sua urdidura existencial, como ele *está e se torna* quando imerso na realização de si na malha dos sentidos que se apresentam em seu cotidiano. Tal experiência indica algo decisivo, a saber: que a *tonalidade afetiva* é uma forma bastante singular de abertura, e, por isso mesmo, um jeito decisivo de ruptura com o tecido conceitual comum, quando se trata de uma *tonalidade afetiva fundamental*.

Por ora, faz-se necessária uma exposição concisa, que intente esclarecer a constituição da abertura e da compreensão, inclusive antes mesmo de um desdobramento mais detido a respeito da própria noção de *tonalidade afetiva*. Entende-se por *abertura* o proto-fenômeno estrutural radical do existir do ser-aí, visto que o ato mesmo de *ser* só se dá na medida em que se está abandonado ao desdobramento dos sentidos depreendidos quando se está aberto. A experiência primeva na qual Heidegger elucida o comportamento na aurora do *ter de ser*, é a abertura, a articulação que urde todas as referências e remissões das ações, sejam elas quais forem, de empenho e insistência no espaço fático que se manifesta como coexistente ao ser-aí. A *tonalidade afetiva* só espacializa, isto é, apenas instala lugares e afecções específicas quando esse *espaço* acontece sob a égide do aberto. Sua verdade se dá no fato de esse fenômeno dispor o ser-aí para àquilo que se mostra no seio do *horizonte compreensivo* que precisamente *incide* sobre o jogo de um mundo que cria suas rasgaduras e deixa que as coisas acenem a um ser (*-aí*, ou seja, disposto na abertura) que pode vir ou não a se afinar com elas.

A compreensão é uma das modalidades de realização do aberto. Se a abertura deixa e faz os espaços do mundo se revelarem como tal, a compreensão é o que possibilita a “leitura” do mundo. Contudo, tal “leitura” é não-consciente, visto que o próprio ato de compreender é, não mais, que a projeção do sentido que se desvela pelo ser aberto, remetendo e diferenciando o ente que se mostra em si mesmo, sabendo que esse “mostrar em si mesmo” é o aceno silencioso de um ser que tende a se ocultar. Nessa ótica, o ser-aí está sempre às voltas com seu próprio ser. “Compreender é o caráter ontológico original da própria vida humana” (Gadamer, 2005, p. 348), escrevia Hans-Georg Gadamer em *Verdade*

e *Método*; compreender é a projeção em um sentido, de modo a se ultrapassar o ente *em si mesmo* em direção a uma transcendência do mundo: o espaço dos entes que urdem um sentido determinado, configurando-se, destarte, primeiramente um “mundo” ininterruptamente já dado/apresentado. E tão logo decifra-se o viés de um sentido, delimita-se a articulação do todo.

Dessa forma, percebe-se a íntima relação entre facticidade e compreensão, visto que o projetar oriundo da compreensão acontece faticamente por meio de um estar jogado no seio de uma mundanidade dada, que se mostra como tal. Dessa maneira, toda dimensão comum à compreensão determina-se por se fazer um compreender-se: *compreender é compreender-se*. Pelo exposto, a compreensão se define como o que está na base da apresentação de um espaço fático patente que nos remete à toda possibilidade de apreensão de um horizonte semântico que se define com as nuances do mundo que é o meu.

I

A *Stimmung* configura uma dinâmica possível de abertura de horizontes hermenêuticos, o que justifica, de imediato, a posição aqui defendida de que só existe um mundo fático e hermenêutico a partir de uma consideração afetiva. Assim sendo, ela é instauradora das formas de atuação na cotidianidade, e, igualmente, um elemento modal de quebra com essa mesma malha semântica. Em *Os conceitos fundamentais da metafísica (mundo – finitude – solidão)*, preleção oferecida em 1929, Heidegger elucida que a noção de *tonalidade afetiva* (*Stimmung*) traduz aquilo que perpassa o ser-aí em sua totalidade, bem como a unidade do espaço no qual este ente está inserido a fim de se conquistar, isto é, *ter de ser*.

A afinação ou *tonalidade afetiva* é uma noção mobilizadora estrutural que orienta a inserção e os comportamentos do ser-aí em sua dinâmica cotidiana de existir no mundo. Entende-se por comportamento não um mobilizador psíquico de ações; todavia, algo que se articula a partir de desdobramentos e manifestações do ser que impelem o ser-aí a decidir-se pelo que é. O ser-aí é o ser do homem analisado e compreendido ontologicamente a partir de seus índices existenciais, sendo interpretado *como* e *a partir* de suas possibilidades de ser. Mundo⁵, como aqui será entendido, não é orbe celeste ou planeta,

⁵ Em *Ser e Tempo*, o mundo é, como já afirmado, ininterruptamente aquilo do qual o ser-aí se ocupa, o que caracteriza este ente de maneira a não possuir nenhuma propriedade quiditativa como alma, intelecto, conhecimento (em sentido tradicional). Conhecimento, no âmbito da analítica existencial, não deve ser visto como sinônimo de um ato ôntico ou ser simplesmente

sociedade, comunidade ou objeto. Explicita o espaço que circunscreve a esteira de realizações do ser-aí, não havendo quaisquer sobreposições entre duas coisas dadas, já que esses se copertencem, sendo um único e mesmo constructo: ser-no-mundo. O caráter de absorção do ser-aí no mundo fático não é total, uma vez que as *tonalidades afetivas* o afinam para o ente desvelado por meio de uma nova roupagem semântica, haja vista o horizonte de realização que é o seu. Não obstante, como, em termos de cotidianidade, o mundo se revela?

O mundo é o encadeamento de ações práticas do ser-aí. O que vem ao encontro desse ente⁶, por assim dizer, é o próprio mundo no conjunto de sua totalidade significativa, não sendo a significância um balizador ôntico⁷. Esse fato permite que o ente seja desnudado em seu ser, e esse ente compreende previamente esse espaço nas modulações de comportamentos abertos ontologicamente, a partir de ocupações ônticas em sua facticidade. Disposto nas ocupações, o ser-aí é tomado por seu mundo e nele se ocupa, primeira e inadvertidamente, de forma inautêntica.

O que fica evidente a partir do texto supracitado é que o ser-aí jamais é um sujeito desinteressado ao lidar com os remetimentos e dimensões de abertura

dado (*Vorhandenheit*), uma propriedade interna ao sujeito ou mesmo como se fosse uma característica de minha individualidade, talvez de meu corpo em sentido fisiológico. Ser simplesmente dado expressa coexistências de entes que não são marcados com a determinação de *ser-aí*, isto é, *abertos* em seu ser para a *compreensão* da mesma. O conhecimento, por sua vez, na perspectiva tradicional, só aconteceria a partir de certa ruptura da compreensão originária, a qual deve ser ontologicamente entendida como possibilidade prévia que circunscreve a compreensão junto à lida com os entes intramundanos. Ora, desses entes descobre-se na mundanidade o seu significado. Isso acena para sua originariedade como jeito de ser estrutural, apontando para o ser fora do ser-aí, seu modo ek-stático originário, ou seja, para a sua facticidade, bem como sua ocupação e manuseio com o ente intramundano.

⁶ *Ente* (*Seiendes*) é um substantivo derivado do latim *ens, entis*, participio presente do verbo *ser, esse*, designando tudo aquilo que de alguma maneira é, ou seja, o que de certo modo é elucidado a partir de um sentido, possuindo, portanto, um significado determinado. Dessa maneira, todos as coisas são entes, inclusive aquelas que são abstratas, como números, seres divinos, bem como, evidentemente, elementos corporais, como coisas e objetos.

⁷ Ôntico (*ontisch*), adjetivo formado da palavra grega *on* (ente), sendo o que se opõe *complementarmente* ao ontológico; enquanto este remete a referência objetiva sobre o ser, o ôntico se refere aos dados que estão em sua realização efetiva, destinando, consequentemente, a modos e regiões de ser específicas cuja existência está sedimentada e/ou hipostasiada em uma determinação. A própria Filosofia nunca separou claramente, até Heidegger, a distinção entre ser e ente. Isso não traduz uma experiência menor, visto que o ôntico delimita um dos primados específicos ao ser-aí, sendo eles, a saber, 1) a delimitação ôntica, “pura expressão de ser” (Heidegger, 2008c, p. 48), em que o ser-aí é um ente determinado, *sendo*; 2) a delimitação ontológica, em que esse ente está imerso em uma dinâmica de *ter de ser*; e 3) a delimitação ôntico-ontológica, em que esse ente parte de operações e modulações de comportamentos determinados a fim de reinventar (rearticulando) seu ser possível, em um pleno devir fático.

que se dão. Isso porque nunca é isento das formas de afecções pelas quais imerge nessas relações, já que em toda e qualquer tarefa a se realizar, afina-se de alguma maneira com as mesmas afecções. Esta posição se justifica pelo fato de que até mesmo a mínima e mais mal-humorada ação se reconhece que ao desempenhá-la se estava em algum modo de ser. Existir, isto é, *ser*, é sempre já estar disposto, interessado, sintonizado e afinado, já percorrido por uma *tonalidade afetiva*. Eis a experiência por elas edificada. Em *Que é metafísica?*, alertava Heidegger ao falar do tédio: “(...) como névoa silenciosa desliza para cá e para lá nos abismos da existência, nivela todas as coisas, os homens e a gente mesmo com elas (...)” (Heidegger, 1996, p. 55). A tese a qual se defende nessa inquirição é que o mundo já sempre se mostra mediante um interesse, que nada tem de desejo e/ou vontade interesseira, pelo qual mobiliza o ente em questão para as suas ações e atividades. Esse mesmo pressuposto é o que sustenta as *tonalidades afetivas*, como o exercício mesmo da disposição, como estrutura primária, originária, protofenômeno fundamental da abertura, antes mesmo da compreensão: só se compreende afinadoramente.

Nesse estudo, adotaremos para a tradução de *Stimmung* o termo *tonalidade afetiva*. Concorde-se com Gianni Vattimo em *Introdução a Heidegger* e Marco Antônio Casanova em sua obra *Compreender Heidegger* ao verterem *Stimmung* por *tonalidade afetiva*. Essa expressão procura basicamente se distinguir, no entendimento do pensador alemão, de toda perspectiva psicologizante e estado de ânimo, já que não se confunde com as interpretações tradicionais de afeto e sentimento⁸. As *tonalidades afetivas* não residem no psiquismo humano e não expressam nenhuma *experiência pessoal*, não estando dentro do ser-aí como uma categoria⁹ ou faculdade intelectual, e nem fora, como um objeto do qual se utiliza em determinadas situações. Anteriores a essas concepções, elas são muito mais modulações estruturais que harmonizam os modos de ser do ser-aí absorvido no mundo, perpassado pelos sentidos que são nele resguardados,

⁸ O que se constata ao examinar as noções em jogo é que Heidegger, ainda que não as utilize explicitamente, abre a possibilidade de vertermos a interpretação de *tonalidade afetiva* por *afeto* em um sentido estrito. Parece-nos que a *tonalidade afetiva* é uma forma *determinada* de afecção, se esse termo for apreendido como algo que sintoniza, harmoniza ou afina uma forma específica de se interessar por, e não meramente como uma maneira de comoção, algo que se manifesta como uma patologia. O ponto central a ser esclarecido com esta tese é precisamente a dinâmica de como tais afecções perpassam o ser do homem e o sintonizam àquilo que se abre, ou seja, o que se mostra em seu ser mesmo. Heidegger, já em *Ser e Tempo*, deixará às claras essa dimensão de análise.

⁹ Esse termo, apreendido tradicionalmente, remete à teoria do conhecimento, às condições transcendentais do conhecimento. Heidegger subverte essa expressão substituindo-a por existensivo, que diz respeito às condições ontológicas dos atos de decisão.

estendendo-se a toda forma pela qual o mundo se faz presente. Ademais, permeia de modo particular as maneiras como cada um se porta na relação com os outros. Por tudo isso, as *tonalidades afetivas* terão destaque na relação com os outros seres-aí.

O existir humano está incessantemente imerso em suas possibilidades de ser. A partir de sua historicidade¹⁰, pois, ele age sempre numa maneira determinada. Nesse ínterim, deve-se entender por historicidade a dimensão que delinea o existir temporal de todo ser-aí, sendo notadamente distinguida pela forma na qual se abre o mundo, que, embora compartilhado, deve encarnar a experiência existencial de cada ser-aí singularmente. A questão é se a singularidade do ente em jogo é determinada somente pela historicidade, que resguarda no presente a atualização do passado e dispõe o ser-aí para o seu futuro – isto é, para o seu vir a ser. A historicidade acontece no bojo do tempo, que não é, senão, a determinação dos acontecimentos do ser.

Tal fenômeno dimensiona o jeito no qual o ser-aí se encontra em seu horizonte remissivo, sendo que seus jeitos de ser são orientados a partir de ações cotidianas que não se guiam previamente por nenhum âmbito representacional ou mental, bem como por nenhum outro tipo de modelo teórico. Explicita Heidegger em *Ser e Tempo*, obra publicada em 1927: “Uma das primeiras tarefas da analítica será, pois, mostrar que o princípio de um eu e sujeito, dados como ponto de partida, deturpa, de modo fundamental, o fenômeno da presença [*Dasein*]” (Heidegger, 2008c, p. 90)¹¹. Esse tratado, fruto de anos de meditação e escrita de aulas, traça uma analítica existencial do ser-aí. “Analítica”, termo declaradamente extraído de Immanuel Kant, nessa ocasião, é o exame mais acurado que se pode fazer dos mais diversos mecanismos que compõem os meandros do existir humano, tomando-os como índices que se conectam tecendo uma malha conceitual própria. No interior dessa analítica, não há espaço para quaisquer outros existentes, visto que somente o homem existe. Ela

¹⁰ Heidegger tece uma profunda distinção acerca desse termo em relação à tradição. História (*Geschichte*) delimita as determinações epocais do ser e seus desdobramentos nos projetos históricos de mundo, constitui-se a partir da dinâmica mesma do tempo, isto é, da *ekstase* do passado que se efetiva no presente abrindo o porvir do futuro. Essa experiência é distinta de história (*Historie*) ou historiografia: o estudo científico acerca dos fatos ocorridos no passado.

¹¹ Valemo-nos, nessa citação, da tradução de *Ser e Tempo* oferecida por Marcia Sá Cavalcante Schuback, editora Vozes. Na referida edição, a tradutora dedicou um prefácio para explicitar sua escolha por verter o termo *Dasein* por *presença*. Como aqui já se observa, vimos utilizando a expressão *ser-aí* para essa correlação. O termo *Stimmung*, por sua vez, é traduzido na referida edição por *humor*. Na presente pesquisa, já se explicitou a escolha metodológica de utilizar a expressão “tonalidade afetiva”, nesse caso.

busca se orientar por um exame do *ser* do homem, observando-o criticamente junto a um hemisfério sedimentado, um mundo.

Nesse ínterim, o problema relativo às *tonalidades afetivas*, um dos ingredientes que colorem a analítica, emerge buscando seu lugar ao sol. E na constelação de conceitos-experiência forjados por Heidegger, este é um dos mais profícuos. As *tonalidades afetivas* inauguram todos os termos das *práxis*. A inserção do ser-aí no mundo efetuada, dentre outros fenômenos, pela *tonalidade afetiva*, não aponta para algo que está dentro de outro, como pretendia fazer a filosofia moderna. Isso cria a primeira mácula ao conceito de sujeito: o que está em jogo é um existente que não é um sujeito, dotado de razão, de consciência ou vontade. Trata-se de pensar a respeito de um fenômeno que permite observar o homem antes do acontecimento da razão. Isso somente é possível quando se considera que há algo no ser-aí que lhe faz não entender teoricamente o lugar ao qual está dado a se realizar. Anterior a qualquer forma de entendimento, raciocínio, reflexão, primeiramente *sente-se* o mundo – logo, este jamais poderia aparecer inicialmente como objeto, já que de imediato não se conjectura *sobre* ele. Só há cotidiano porque há *tonalidade afetiva*, haja vista que todas as formas de nos empenharmos no mundo irrompem delas. Nessa perspectiva, o que aparece como criticável é: *como* se pensar a respeito desse aspecto pré-reflexivo sem considerar a dimensão social que necessariamente perfaz a esteira de nossas ações?

A dicotomia intrínseca ao pensamento moderno balizou de forma radical a separação entre sujeito e objeto que Heidegger procurou terminantemente superar, enfatizando, ademais, sua crítica às ontologias que foram se erguendo. O problema em jogo reside precisamente na tentativa de superação do traço da metafísica tradicional, almejando enfatizar como o filósofo alemão apropria e inaugura outra ocular para interpretar a questão da subjetividade. Fora desse âmbito representacional, nosso autor imprimiu a unidade do ser-aí ao mundo que é o seu, o âmbito de sentidos que se mostra a fim de o ser-aí vir a ser, até mesmo na composição de sua singularidade. Esta, não obstante, não é pessoalidade, uma vez que se pretende ininterruptamente afastar toda e qualquer interpretação acerca do homem das instâncias da antropologia, da biologia e da psicologia.

No esforço de romper com o entendimento clássico de homem como um animal racional que possui essa ou aquela característica, a *tonalidade afetiva*, em contrapartida, não refletirá nada que possa parecer um mero afeto, um impulso de ânimo, uma paixão ou afeição. Irá traduzir muito mais

jeitos ou modos de se empenhar no espaço existencial no qual se está, não coincidindo com quaisquer maneiras ou arquétipos de cunho psicológico ou que possam ser balizadas por alguma ciência. Remetem para um salto instaurando a dimensão do próprio existir, em um nexos imediato com o mundo, sem dizer respeito a algum tipo específico de sentimento ou emoção. Na constituição do ser-aí não há nada de animal, ou ainda de alma, espírito ou algo do gênero. Heidegger pensa o homem de forma distinta daquela que tanto foi enfatizada pela filosofia ao longo de sua história. Para tal finalidade, ele resguardou o termo *Dasein* (ser-aí), habitualmente usado pelo alemão comum para significar todo ente que existe, não se entendendo que apenas o ser humano *ek-siste*, como afirma o pensador de forma inovadora.

O ser-aí jamais é destituído de mundo, nunca podendo ser retirado do âmbito de possibilidades que são as suas. Isso implica reposicionar o problema da subjetividade, já que esta não poderia estar apartada de seu horizonte de realização – o que, de imediato, torna inócua a noção abstrata tradicional. O ser-aí não é possuidor de um mundo e não está, de alguma maneira, colocado diante dele. Antes, nele se empenha como desdobramento de seu existir. Não há a tradicional noção de subjetividade em Heidegger, embora o filósofo reinterprete esse conceito através de outros alicerces. O presente trabalho propõe repensar a constituição do termo sujeito, visto que, em Heidegger não há a presença desse conceito moderno, salvo quando é o caso de criticá-lo. É necessário que se descortine outro solo para meditar essa noção, e aí está a crucial importância do termo *Stimmung*.

O ser-aí é o acontecimento do ser do homem, sendo uma experiência que deve coadunar com toda e qualquer expressão do existir humano. Não é esse ou aquele homem ou indivíduo, dessa ou daquela nação ou povo, desse ou daquele gênero. É anterior a tais descrições, um termo que cabe para quaisquer modos de ser que o homem possa desempenhar. Logo, não se trata de corpo, vontade, intenção – é, aliás, o corpo, conforme Benedito Nunes em *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*, “o grande ausente de *Ser e Tempo*” (Nunes, 1999, p. 64), embora essa afirmação, no contexto deste capítulo, precise ser revista¹².

¹² Será explicitado adiante que há uma formação de corpo no interior da interrogação das *tonalidades afetivas*. Corpo, nesse caso, não se trata de uma estrutura material do organismo humano, já que se apresentará como um fenômeno cunhado a partir das relações histórico-temporais urdidas nas distintas afinações no mundo. Assim, entende-se o lugar no qual Benedito Nunes critica essa questão, embora não se concorde com ele pelo fato de interpretarmos que há, ainda que não nominalmente, uma composição da estrutura corporal – embora não seja corpórea em sentido tradicional –, mas, fenomênica.

É importante marcar que na tematização acerca das *tonalidades afetivas* o corpo precisará aparecer, o que exige apreciações que o próprio Heidegger pouco empreendeu, embora existam acenos espaçados em sua obra que são cruciais quanto a essa questão. O detalhe é que aquilo que é legítimo ao ser-aí não é somente de cunho ontológico; é também ôntico: termo que se refere ao adjetivo confeccionado pela língua grega *on*, ente, particípio presente do verbo ser (*einai*). Ôntico aponta para o ente, representando a realidade de forma objetiva e especialmente determinada por categorias – desde que não se refira ao ente “ser-aí”. Sob nenhuma hipótese o ser-aí pode ser apartado dos entes, sendo, por conseguinte, o ente privilegiado que testemunha o acontecimento do ser. Deve-se compreender por ente tudo o que de algum modo é; os eventos, as coisas, o homem, a pedra, o céu, enfim, tudo o que de algum modo aparece e significa algo. “Ente é tudo o que falamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos” (Heidegger, 2008c, p. 42), como já escrito em *Ser e Tempo*.

Já pela noção de *tonalidade afetiva*, nosso autor pretendeu equacionar um dado fundamental quanto à determinação do existir do ser-aí, qual seja, que ele age articulando-se através de uma *afetividade* que nada tem a ver com impulso de ânimo, estado de alma ou sentimentalismo. Com isso se pretende perceber algo bastante simples, porém, não menos intrincado: que o ser-aí não compreende o mundo perceptiva ou intelectualmente, todavia, de algum modo *o sente*, isto é, insere-se na cadência que lhe é própria e assim se sintoniza com essa experiência de maneira a ser absorvido em uma atmosfera que a tudo atravessa e envolve.

II

Pelo exposto, a *tonalidade afetiva* é o modo de ser mais imediato e determinante de inserção no mundo. Escreve Heidegger em *Ser e Tempo*: “Que os humores [*Stimmung*] possam deteriorar-se e transformar-se, isto diz que a presença [*Dasein*] já está sempre sintonizada e afinada num humor” (Heidegger, 2008c, p. 193). Os humores ou *tonalidades afetivas* deixam transparecer um modo em que *se está* e *se sente*. É crucial caracterizar que o fenômeno aqui em relevo faz parte de uma esteira de índices existenciais¹³ responsáveis por constantemente instaurarem esse elo entre ser-aí e mundo, o que nos impele a

¹³ Como forma da disposição, modo originário que indica o jeito em que se está acessível, a *tonalidade afetiva* abre igualmente o mundo junto à compreensão, interpretação, o discurso e a decadência.

concluir que este só existe quando uma *tonalidade afetiva* acontece, ao passo que essa só se concretiza quando um mundo se abre: *tonalidade afetiva* e mundo são co-originários na instauração do existir humano.

É importante indicar que as *tonalidades afetivas* não são a única forma pela qual o ente em questão se posiciona em seu espaço¹⁴ de concretização. O que se procura indicar é que a *tonalidade afetiva* é um jeito *fundamental* que *produz* o espaço de realização do ser-aí, deixando o mesmo acessível. Interrogar a respeito do mundo já é, em termos heideggerianos, perguntar por sua formação, bem como pela essência do homem, isso o que nós mesmos somos. E questionar sobre nós mesmos é inquirir a propósito de como as coisas estão para nós, sendo algo de grande relevância interpretar essa maneira decisiva *como* se está, o jeito que sintoniza e determina o mundo.

Esse “como” aparece de forma essencial quando se pergunta pelas *tonalidades afetivas fundamentais*, visto que o ser-aí pode *despertar* para um modo de introduzir-se no filosofar – já que é esse o comportamento que aqui nos interessa. O espaço remissivo em que paira o ser-aí abre sua singularidade por constantemente mostrar como esse ente está, bem como os meandros e por que o mundo se manifesta como seu, permitindo que tal despertar aconteça.

A partir dessa breve elucidação a respeito das *tonalidades afetivas* e o papel que desempenham na analítica existencial, vêm à lume algumas perguntas: com qual direito se questiona a *tonalidade afetiva* como uma noção estrutural na economia conceitual heideggeriana? Essa interrogação se adequaria a todos os momentos decisivos da obra do filósofo? Não seria muito entendê-las como um elemento que perpassa, de alguma maneira, diferentes períodos do pensamento de Heidegger? Quanto a essa última indagação, Emmanuel Carneiro Leão, em sua tradução da preleção *Introdução à metafísica*, curso oferecido por Heidegger em 1935, nos oferece uma indicação preciosa. Em uma nota de rodapé no último capítulo do mencionado escrito, Carneiro Leão declara o seguinte sobre as *tonalidades afetivas*:

Trata-se de um conceito fundamental de todo o pensamento de Heidegger desde Sein und Zeit. O ter-se entendido e interpretado Stimmung no sentido corrente da palavra levou muitos, a par de outras interpretações, a fazerem

¹⁴ É importante acenar que esse termo, que aqui não encontra nenhum eco no sentido de plano físico mensurável e/ou quantificável, ganhará um vulto bastante particular nas análises desenvolvidas nesta investigação. *Espaço* será a dimensão edificada a partir dos desdobramentos do ser como instâncias derivadas das afinações provenientes das *tonalidades afetivas*. Logo, produz lugares – como que ambientes – nos quais acontecem afecções interessadas num plano originário.

do pensamento de Heidegger uma filosofia irracionalista, portanto uma manifestação da metafísica. *Stimmung* quer dizer comumente: ‘disposição’, ‘tônus’, ‘humor’, ‘emotividade’, ‘afetação’, todos conceitos irracionais, como se dizem. Mas esse é o espaço de superfície da palavra. Não é nele que se move o pensamento de Heidegger, cuja originalidade é a originariedade. *Stimmung* vem do verbo ‘stimmen’, que significa: ‘fazer ouvir a sua voz contra ou a favor’, portanto, ‘votar’; significa também: ‘afinar’ (por exemplo um instrumento), ‘harmonizar’, ‘acordar-se’. É esse o sentido originário, donde procede, como significações derivadas, tanto o sentido de ‘disposição’, ‘emotividade’, ‘afetividade’ como o sentido de ‘votar’. É a acepção primária de ‘afinar’, ‘harmonizar’, ‘acordar’, que Heidegger tem em mente com a palavra *Stimmung* (Carneiro Leão In: Heidegger, 1969, p. 220 – itálico nosso).

Esse texto abre margem para outras questões que se somam às anteriores. Ora, o que caracteriza o fato de certas *tonalidades afetivas* serem fundamentais? Por que, enfim, esta noção é tão capital ao pensamento de Heidegger e o que ela inaugurou na tradição erigida pelo pensador? Todos esses pontos advêm pressupondo a necessidade de entender *como o ser-aí encontra-se no mundo*.

No âmbito do possível, o mundo por mais que se revele como seu, isto é, como espaço de determinação de cada ser-aí singular, apresenta-se como algo público, compartilhado, não podendo desconsiderar que existam elementos que possam ultrapassar as suas dimensões particulares. Este é um fenômeno que possui uma dupla faceta: para Heidegger, há somente *um* mundo no qual se está, embora encarne a experiência particular de cada ser-aí específico, o que faz dele público. Anota o filósofo em *Ser e Tempo*:

No modo de ser desse manual, ou seja, em sua conjuntura, subsiste uma referência essencial a possíveis portadores para os quais a obra está “talhada sob medida”. Do mesmo modo, junto com o material empregado, também vem ao encontro o seu produtor ou “fornecedor”, enquanto aquele que “serve” bem ou mal. O campo, por exemplo, onde passeamos “lá fora” mostra-se como o campo que pertence a alguém, que é por ele mantido em ordem; o livro usado foi comprado em tal livreiro, foi presenteado por... (...) O mundo da presença [*Dasein*] é *mundo compartilhado* (Heidegger, 2008c, p. 173-175).

O que é apontado nesse fragmento, o fato de o mundo ser compartilhado com os outros, parece conferir-lhe autonomia por meio de si mesmo. Se assim fosse, o ser-aí se marginalizaria em sua relação ao mundo, o que de imediato

colocaria certos limites a seu agir. Mobilizadores como as ações do Estado, por exemplo, incidem em minhas relações no trabalho. O fato de ter dormido muito mal não me permitiu ter dado boas aulas hoje e, por não ter repousado bem, fiquei irritadiço ao longo de todo o dia. No mundo que se apresenta a cada um, há situações que, por se darem na esteira de seu compartilhamento, ultrapassariam, se compreendêssemos o homem pela ótica tradicional, as suas probabilidades de ação. Entretanto, o mundo resguarda um terreno de relações *junto* às coisas, *com* os outros e *em função* de si mesmo, não havendo nenhuma autonomia, como um objeto à frente de outro ente qualquer. Há, por conseguinte, uma urdidura fenomênica que insere o ser-aí no desenrolar de seus desdobramentos.

Situações como as exemplificadas acima tendem a nos induzir a um erro interpretativo. É importante observar que o termo ser-aí cabe para toda e qualquer forma do existir humano, não dizendo respeito a esse ou aquele indivíduo particular. Quando se considera o fato de “o meu corpo” estar dessa ou daquela forma, percebe-se que se avalia um ente particular previamente hipostasiado, com determinações de antemão dadas, o que não é o caso do ser-aí apreendido em sua totalidade. No que tange às reflexões de nosso autor, cabe ressaltar que não interessam, de imediato, questões referentes à vontade, ao Estado ou a outro qualquer elemento hipostasiado. Com a questão relativa ao *ser-aí* e seus índices remissivos, cabe regressar à origem do problema humano, qual seja, o problema de saber o que constitui de forma elementar este ente.

Por isso mesmo, interrogar as *tonalidades afetivas* na ausência imediata do corpo – esse examinado, claro, através da ocular aberta pela tradição filosófica –, ou outros elementos sedimentados, torna-se basilar nas interrogações de Heidegger. Na defesa desse pressuposto não se busca, sob nenhuma hipótese, colocar o tema central dessa tese em um lugar puramente “contemplativo” ou especulativo. Como já afirmado, as *tonalidades afetivas* se ligam às *práxis* cotidianas. Não há assunto mais pragmático de se investigar do que os mobilizadores das ações dos homens, melhor, dos modos e jeitos de ser que perpassam imediatamente esse ente. O fato de elas prescindirem de corpo, enquanto organismo, significa que estão na base de todo e qualquer comportamento – e, por conseguinte, de toda corporeidade possível.

As *tonalidades afetivas* se colocam, à base dessa investigação, para além das conjecturas meramente ônticas, situando-se no interior de um interrogar capital, um questionar acerca do ser do homem, como um elemento determinante, possuindo um papel decisivo no desencadeamento do existir.

Apreende-se que o existir só pode dizer respeito ao ser-aí, não cabendo a nenhum outro ente, já que só existe aquele que se posiciona como centro da questão de compreender-se como o ente que é, ou seja, como aquele que se dispõe em uma *tonalidade afetiva* tão decisiva que o leva a questionar e a se colocar em questão, ainda que seja um ente radicalmente assinalado por uma “indeterminação ontológica” (Heidegger, 2008c, p. 191).

Tal indeterminação se notabiliza por uma precariedade estrutural, ancorada em sua negatividade, mas que normalmente se toma como determinada a partir de índices semânticos previamente sedimentados, por isso, aparentemente sólidos e firmes, já que são herdados de uma vasta tradição. Um tal “horizonte semântico” que pretendemos esclarecer consiste na totalidade de sentidos em que o ser-aí constantemente é absorvido. Como delimitado em *Ser e Tempo*, sentido é aquilo que possibilita a compreensão de alguma coisa e o ser-aí reside em uma teia de sentidos, em um horizonte semântico. “Sentido significa a perspectiva do projeto primordial de um compreender ser”, já escreveria Heidegger no mencionado tratado (Heidegger, 2008c, p. 409). A compreensão, por seu turno, não é teórica, já que alude à dimensão de abandono do ser-aí aos demais entes caracterizando sua existência como um poder-ser projetado no mundo. Em *Sobre a essência do fundamento*, tratado que data de 1928 que comporia o volume comemorativo dos setenta anos de Edmund Husserl, Heidegger anotou: “Esta compreensão – como revelador projetar de ser – é, porém, o comportamento primordial da existência humana, em que deve estar radicado tudo o que existe no seio do ente” (Heidegger, 1996, p. 138). A mencionada precariedade constitui a finitude que perfaz a composição do ente em questão.

Em seu bojo o ser-aí é finito, sendo essa a condição que delinea os contornos mais imediatos de seu existir, balizando um jeito de ser marcado por um caráter de incompletude modal que confere e testemunha o fato de seu existir se dar como e a partir de uma urdidura que lhe é própria e constitui um traço tão central a ponto de delimitar esse mesmo existir pela insígnia de um originário *não*, de uma pura negatividade. E *enquanto* um *não* originário e primevo, de antemão, torna-se o que permite abrir o existir para todo e qualquer possível *sim*, isto é, a finitude que determina e assinala o esteio próprio do ser-aí é o mesmo elemento que o lança para fora de si, para sua dimensão de abertura. Originário é tudo aquilo que, de súbito, se faz presente, não se confundindo com nenhum vir-a-ser ou perecer, ainda que seja atrelado a essas dimensões. Percorre as mais diversas instâncias daquilo

que ganha e perde configuração, não se confundindo com esse movimento que legitima as articulações internas dos fenômenos que ocorrem. Não se traduz como algo determinado que aparece e em um momento diverso deixa de ser. As condições de possibilidade de sua manifestação são distintas daquilo que é revelado. Isso fica claro naqueles índices que trazem a marca de serem ontológicos, e não meramente ônticos, visto que permite que eclodam todas as referências próprias do elemento em jogo de forma nova, deixando que toda e qualquer conjuntura possa ser explicada. É repleto de vigor e potência, de maneira que percorre todas as determinações dos fenômenos que o encarnam, determinando, sempre com uma nova roupagem, aquilo que o produziu.

A abertura, apontada acima, é um fenômeno originário. Esta deve ser entendida como um proto-fenômeno ontológico-existencial, que faz erigir o constructo ser-no-mundo, visto que se distingue enquanto canal de realização indissolúvel de toda tarefa e empenho, perfazendo uma instância de distinção modal que rege e faz desse ente o lugar-tenente de aparecimento e desvelamento do ser. Não há nenhum *possível* que não esteja já antecipadamente assinalado por tal existencial, sendo o mesmo não um estigma, mas, um traço indelével que permite o projetar do ente em questão na cadência de seu próprio vir a ser.

No seio desse problema, a *tonalidade afetiva* se mostrará como um fenômeno especular em relação à finitude – que, por esse motivo, impele o ser-aí à necessária conquista de si em meio à irrepetível facticidade de se lançar em sua concretização específica. Em sua produção como um todo, Heidegger precisou isso de forma genial, embora analisando os dados em questão sem fazer diretamente essa associação. Está em questão o lançar-se, o qual diz respeito ao aspecto de o ser-aí antecipar-se ao mundo remetendo-se a ele, haja vista que realiza uma imersão imediata e radical em seu vir a ser, a cada vez intransferível e inelutável, sendo essa a marca do estar-lançado. Segundo Heidegger:

Esse “que é” constitui um caráter ontológico da presença [*Dasein*], encoberto em seu de onde e para onde, que, no entanto, tanto mais se abre em si mesmo quanto mais encoberto permanece. Chamamos esse “que é” de *estar-lançado* em seu pre [*Da*, aí], no sentido de, enquanto ser-no-mundo, este ente sempre ser o seu pre (Heidegger, 2008c, p. 195).

Estar-lançado é um caráter existencial basilar que envia o ser-aí para o horizonte semântico a partir do qual vem a se constituir. Sua finitude, a

princípio, empreende um problemático aceno para a maneira como se entende o espaço ontológico no qual esse ente está lançado. Trata-se do suporte primevo para se apreender a originariedade das *tonalidades afetivas*, posto que elas emergem da finitude enquanto base de sustentação desse ente. A finitude constitui seu próprio fundamento e, por isso mesmo, é o que impele esse ente para a verdade do ser, sendo essa, concomitantemente, a manifestação e retraimento do ser nos entes – sem, todavia, poder possuí-la e dominá-la.

Por assim dizer, as *tonalidades afetivas* estão no alicerce de todo abandono/acesso do ser-aí ao desvelamento do ser. Abandono, como aqui mencionado, não alude a largar algo, renunciar, soltar um cacareco, porém, ao contrário, traz à baila aquilo que foi deixado em, que está na base de, que perpassa e liga elementos que são co-originários. É, consequentemente, uma forma de acesso, que também não pode ser interpretado como algo derivado de uma relação entre um sujeito que acessa, no sentido de aceder, um objeto como coisa dada. Esse acesso é o próprio abandono à abertura do ser que se efetiva na manifestação dos entes (bem como do retraimento de seu ser) na lida do ser-aí com estes. O caráter da abertura e acontecimento de mundo se mostra assim como uma estrutura existencial que precisamente efetiva o dar-se da verdade, o desvelamento do ser nos entes e a dimensão da diferença entre ser e ente, diferença essa apenas compreendida e interpretada por um ente privilegiado.

Ainda quanto ao abandono/acesso: *o que acessa e o que é acessado?* A partir de quais elementos se faz possível abandonar ou acessar o mencionado espaço? O que perfaz este *espaço*? Perguntas são frequentes quando se avizinha a filosofia. Entretanto, para a própria filosofia ser factível, não deveríamos ser acossados por algo que nos assaltaria e perpassaria a ponto de toda a universalidade do real poder ter-nos atravessados a partir de alguma questão que, de algum modo, nos embriagaria? O que permite ficarmos assim *embriagados* e *tomados* pela narcótica filosofia, sem sermos assediados pelos tormentos de seus inebriantes vícios? Como seria possível sermos assim *assediados* ou *tomados* por algo?

Assim, o que nos surpreende com o nome de *filosofia* está necessariamente relacionado com os mesmos elementos que perfazem originariamente o ser do homem, e esses precisam se apresentar a partir de alguma determinação que permita a efetiva realização desse ente.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O aberto: o homem e o animal*. Trad. Pedro Mendes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BEAUFRET, Jean. *De l'existencialisme à Heidegger: introduction aux philosophies de l'existence et autres textes*. Paris: Vrin, 2000.
- BIEMEL, Walter. *Le concept de monde chez Heidegger*. Paris: Laboureur, 1950.
- BIRAULT, Henri. *Heidegger et l'expérience de la pensée*. Paris: Gallimard, 1978.
- CASANOVA, Marco Antônio. *Compreender Heidegger*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CASANOVA, Marco Antônio. *Nada a caminho: impessoalidade, niilismo e técnica na obra de Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CROWELL, Steven. MALPAS, Jeff. *Heidegger e a tarefa da filosofia: escritos sobre ética e fenomenologia*. Trad. Alexandre de Carvalho e outros. Rio de Janeiro: Via Verita, 2012.
- DASTUR, Françoise. *Heidegger – la question du logos*. Paris: Vrin, 2007.
- FIGAL, Günter. *Introdução a Martin Heidegger*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016.
- FIGAL, Günter. *Martin Heidegger: fenomenologia da liberdade*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FIGAL, Günter. *Oposicionalidade: o elemento hermenêutico e a filosofia*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FOGEL, Gilvan. "Vida como um jogo de mando e obediência". In: BARRENECHA, Miguel Angel, CASANOVA, Marco Antonio; DIAS, Rosa; FEITOSA, Charles (Org.). *Assim falou Zaratustra III: para uma filosofia do futuro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.
- FOGEL, Gilvan. "A respeito do fazer necessário e inútil ou do silêncio". In: *Da solidão perfeita: escritos de filosofia*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FRANCK, Didier. *Heidegger e o problema do espaço*. Trad. João Paz. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- GADAMER, Hans-Georg. *Hegel – Husserl – Heidegger*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I – Traços de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flavio Paulo Meurer. Bragança Paulista, SP: São Francisco/Vozes, 2005.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Atmosfera, ambiência, Stimmung: sobre um potencial oculto da literatura*. Trad. Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC Rio, 2014.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Serenidade, presença e poesia*. Trad. Mariana Lage. Belo Horizonte: Relicário, 2016.

HAAR, Michel. *Le chant de la terre*. Paris: L'Herne, 1987.

HAAR, Michel. *Heidegger e a essência do homem*. Trad. Ana Cristina Alves. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2008a.

HEIDEGGER, Martin. *A essência da liberdade humana: introdução à filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *A Origem da Obra de Arte*. Trad. Maria da Conceição Costa. Rev. Artur Morão. Edições 70: Lisboa, 1990.

HEIDEGGER, Martin. *Aportes a la Filosofía: acerca del evento*. Trad. Dina Picotti. Buenos Aires: Biblos, 2003.

HEIDEGGER, Martin. *As questões fundamentais da filosofia ("Problemas" seletos de "lógica")*. Trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HEIDEGGER, Martin. "Hölderlin et l'essence de la poésie"; "Terre et ciel de Hölderlin". In: *Approche de Hölderlin*. Trad. de l'allemand par Henry Corbin, Michel Deguy, François Fédier et Jean Launay. Nouvelle edition augmentée. Paris: Gallimard, 1962a.

HEIDEGGER, Martin. "Pourquoi des poètes". In: *Chemins qui ne mènent nulle part*. Trad. Wolfgang Brokmeier. Paris: Gallimard, 1962b.

HEIDEGGER, Martin. *Contribuições à filosofia (Do acontecimento apropriador)*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

HEIDEGGER, Martin. "Construir, habitar, pensar"; "poeticamente o homem habita..."; "Logos (Heráclito, fragmento 50)". In: *Ensaaios e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001.

HEIDEGGER, Martin. "O fim da filosofia e a tarefa do pensamento"; "Que é metafísica?"; "Introdução à *Que é metafísica?* – O retorno ao fundamento da metafísica"; "Sobre a essência do fundamento"; "Sobre a essência da verdade"; "Tempo e ser". In: *Ensaaios e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova cultural, 1996 (Coleção Os pensadores).

HEIDEGGER, Martin. *Explicações da poesia de Hölderlin*. Trad. Claudia Pellegrini Drucker. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2013.

HEIDEGGER, Martin. *Heráclito: a origem do pensamento ocidental: lógica: a doutrina heraclítica do logos*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Filosofia*. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

HEIDEGGER, Martin. *O acontecimento apropriativo*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da metafísica (mundo – finitude – solidão)*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

HEIDEGGER, Martin. “A teoria platônica da verdade”; “Carta sobre o humanismo”. In: *Marcas do caminho*. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2008b.

HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?* Trad. Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1987.

HEIDEGGER, Martin. *Serenidade*. Trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 1959.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2008c.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e verdade: a questão fundamental da filosofia; Da essência da verdade*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2007.

HERÁCLITO, de Éfeso. *Heráclito: fragmentos contextualizados*. Trad. Alexandre Costa. São Paulo: Odisseus, 2012.

KELKEL, Arion L. *La légende de l'être – langage et poésie chez Heidegger*. Paris: Vrin, 1980.

MORUJÃO, Carlos. *Verdade e liberdade em Martin Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

NUNES, Benedito. *Crivo de papel*. São Paulo: Loyola, 2014.

NUNES, Benedito. *Ensaio filosóficos*. Org. e apres. Victor Salles Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

NUNES, Benedito. *Heidegger*. Org. e apres. Victor Salles Pinheiro. São Paulo: Loyola, 2016.

NUNES, Benedito. *Hermenêutica e Poesia: o pensamento poético*. Org. Maria José Campos. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Loyola, 2013.

NUNES, Benedito. *No tempo do niilismo e outros ensaios*. São Paulo: Loyola, 2012.

NUNES, Benedito. *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo: Loyola, 2012.

ORTEGA Y GASSET, José. *Estudios sobre del amor*. Espanha: Allianza, 1993.

ORTEGA Y GASSET, José. *O homem e a gente – a inter-comunicação humana*. Trad. J. Carlos Lisboa. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1973.

REIS, Róbson Ramos. *Aspectos da modalidade: a noção de possibilidade na fenomenologia hermenêutica*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2014.

SARAMAGO, Ligia. *A “topologia do ser”: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2008.

SCHNEIDER, Paulo Rudi. *O outro pensar: sobre O que significa pensar? e A época da imagem do mundo, de Heidegger*. Ijuí: Unijuí, 2005.

SVENDSEN, Lars. *Filosofia do tédio*. Trad. Maria Luisa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VATTIMO, Gianni. *Introdução a Heidegger*. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

Artigo recebido em 23/03/2026 e aprovado para publicação em 14/04/2026

Como citar:

SANTOS, Leandro Assis. A respeito de um “esquadrinhamento” do compreender. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, p. 161-181, jan./jun. 2026. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v25i49-2026-9>.